

# ADOLFO LUTZ, SÁBIO

POR

FLAMÍNIO FÁVERO

Professor Catedrático de Medicina Legal da Faculdade de Medicina da  
Universidade de São Paulo.

No centenário do nascimento de Adolfo Lutz, também eu desejo oferecer a contribuição do meu alto aprêço à memória veneranda do grande brasileiro. Não o conheci pessoalmente. Admi-rei-o sempre, entretanto, pelo vulto de suas realizações científicas, tendo aprendido a respeitar-lhe o porte agigantado de pesquisador através da incondicional admiração que lhe tributava Oscar Freire, meu mestre. Se, entretanto, não tive a ventura de aproximar-me dêle para aplaudí-lo, cabe-me a honra de merecer a amizade de seus dois filhos, nomes festejados no mundo culto, dignos continuadores do prestígio paterno: a Dra. Bertha Lutz e o Prof. Gualter Adolfo Lutz.

\* \* \*

Adolfo Lutz foi um sábio na verdadeira acepção da palavra, sendo assinalada sua passagem pelos domínios da Ciência com um marco de grande relevância.

Inúmeras as qualidades que lhe exornavam o espírito privilegiado, mas, dentre tantas, avulta sua vocação de pesquisador. Ele o foi, sim, no rigorismo do têrmo, firmado numa vontade e numa fé inquebrantável. Queria, sabia o que queria, e ia seguro em busca dos seus propósitos, sem temer oposição, enfrentando a crítica a que dava satisfação quando honesta e em boa compostura, proclamando com desassombro suas convicções. Era um cientista, impellido desde os mais verdes anos para o exercício dêsse nobre apostolado, dentro das linhas severas e irredutíveis da ética. Afir-mava o que sabia. Tendo dúvida, procurava removê-las. Não ali-mentava vaidades, buscando, quando necessário, a opinião estranha, mais para remover titubeações estranhas, diante do que afirmava, do que as próprias.

Suas influências nos meios científicos foram fortes, máxime no Brasil. As vitórias que conseguiu em todos os terrenos por onde

palmilhou com firmeza e segurança — e tantos foram! — são de vulto. Seu nome é reverenciado por todos os que lhe compulsam os trabalhos ou lhe lêem a biografia.

E o Instituto que, em S. Paulo, lhe lembra a passagem impercível, é o penhor seguro de justa e sincera gratidão ao homem que, com propriedade, foi chamado de “Pai da Medicina Tropical Brasileira” (Samuel Pessoa) ou “Chefe da primeira Escola de Medicina Experimental do Brasil” (Bruno Rangel Pestana).

\* \* \*

Teve Adolfo Lutz três fases expressivas em sua atuação profissional: médico-clínico, tropicalista e pesquisador.

Filho de pais suíços, nasceu no Rio de Janeiro aos 18 de dezembro de 1855, tendo feito seus estudos médicos na Faculdade de Berna, por onde se doutorou. Após aprimorar os conhecimentos médicos em Viena, Leipzig, Praga, Hamburgo, Paris e Londres, detendo-se, sobretudo, nos métodos científicos de pesquisa, voltou para o Brasil. Aqui chegando, seu primeiro cuidado, para atender de pronto ao imperativo da lei, foi revalidar o diploma de médico. Depois disso, elegeu como centro de atividades S. Paulo, onde passou a exercer a clínica. Profissional de sólido preparo, não lhe foi difícil conquistar larga clientela que lhe deu os recursos de que careceria mais tarde para seguir sua verdadeira e iniludível vocação.

A azáfama clínica, extenuante por certo, como é tôda ela, não lhe sopitou os pendores científicos verdadeiramente constitucionais e irremovíveis, antes os estimulou na faina diária que lhe oferecia ensejo de ver as falhas da medicina no âmbito do diagnóstico e da profilaxia, a se casarem, pois, necessariamente, com as da terapêutica, que não se afastam da arte de curar, em constante evolução. Assim, procurou fazer clínica na bitola de uma medicina científica, forrada dos mais modernos métodos de indagação e juízo crítico que conseguia manter apurados.

Não se deteve muito, porém, no setor da clínica, embora lhe fôsse compensador o exercício. É que sentia intenso o chamado para outros rumos, bem mais consentâneos com seus pendores inatos, e percebia o perigo de lhe embotarem a sede de pesquisador as seduções da arte de curar, esterilizando-lhe essa rotina quotidiana a ânsia científica que vibrava em seu coração. É debalde

que procuram os homens fugir ao seu destino. Mais cedo ou mais tarde, faz êste valer seus direitos e tudo se amolda na jornada para que êle se realize. Com Adolfo Lutz foi assim.

Não convinha que a clínica tentasse mais desviar o tropicalista e o pesquisador dos atrativos que lhe prometiam a glória. E um dia Lutz voltou ao laboratório. Voltou para ficar, sempre e cada vez mais prêso a êle.

Diz a propósito, com muito senso, o Prof. Carlos Chagas ao estudar a personalidade de Adolfo Lutz no livro "Medicina no Brasil", organizado em 1940 pelo Prof. Leonídio Ribeiro: "Tanta luz e tamanha perspicácia, a visão divinatória e o gênio criador dêsse homem singular, tanto descortino e tão raro discernimento, não se poderiam limitar aos fatos concretos, trazidos pelos casos de clínica, mas haveriam de atingir mais alto escopo, e na investigação dos fenômenos biológicos encontrar a razão, exata, que esclarece a doutrina verdadeira, que generaliza. Indiferente aos benefícios da riqueza, Adolfo Lutz regressou em pouco ao laboratório, aonde lhe faltariam compensações materiais, mas haveriam de sobrar-lhe alegrias do espírito e da inteligência, únicas sonhadas pelo seu puro idealismo".

\* \* \*

Na fase seguinte de sua jornada, deixando, embora, a clínica, não desertou a medicina, pois se esmerou no estudo das nossas doenças tropicais, visando ao seu diagnóstico e profilaxia. O que conseguiu nesse setor basta para imortalizar um homem, tais e tantas foram suas realizações. E note-se que quase tôda a sua atividade, como tropicalista, higienista, patologista e bacteriologista, se desenvolveram com uma carência de recursos de trabalho que só poderia ser vencida por uma vontade inquebrantável, por uma sólida estrutura de pesquisador e por uma inteligência digna da maior admiração.

Assim vemos o acervo crescente de seus empreendimentos práticos, beneficiando não só a ciência mas a higiene e a medicina clínica.

Quero apenas salientar alguns. Dentre êles avulta, parece-me, a determinação da etiologia da febre paulista que, no fim do século passado, grassava endemicamente em S. Paulo, continuando neste século. Chamavam-na de "febre palustre renitente", "febre quilométrica" e "febre cansa-médico", pela extensão de seu curso. As opiniões a respeito dela divergiam. Médicos de renome recusa-

vam aceitá-la como sendo a febre tifóide, pois não obedecia aos períodos cíclicos clássicos, à moda estrangeira. E o figurino de longes terras é tudo para o nosso espírito de imitação. Sempre foi. Ademais, tinham por absurdo sua existência no Brasil. Seria, talvez, uma febre tifo-malárica, uma feição especial do impaludismo, nunca, todavia, a febre tifóide. Os clínicos falavam pelos sintomas estudados, pela evolução, pela terapêutica empregada na qual predominava o quinino que para tudo servia. Lutz armou-se do seu método científico de observação para socorrer e esclarecer a clínica. Fêz autópsias e identificou as lesões da febre tifóide. Estava vitoriosa a sua pesquisa. O mistério se desvendara. Custou-lhe sérias amarguras o triunfo, pois com isso contrariava velhas convicções e enfrentava cômoda rotina de puro empirismo, que só ao método científico competia afastar. Até a Sociedade de Medicina e Cirurgia, discutindo o assunto, resolveu, num parecer aprovado por maioria de membros, impugnar a palavra firmada em fatos incontestáveis de Adolfo Lutz. Mas, culturas de material de doentes enviadas ao próprio Eberth, descobridor do bacilo da moléstia, asseguraram o acêrto do diagnóstico aqui feito.

Com a cólera-morbo, a mesma coisa ocorreu. Contam os ilustres filhos do Dr. Lutz, Dra. Bertha Lutz e Prof. Gualter A. Lutz, numa publicação inserta nas "Memórias do Instituto Oswaldo Cruz" (t. 39, f. 2), que as pesquisas do Dr. Lutz sôbre essa moléstia "tiveram início dramático no dia 13 de agosto de 1893. Naquele dia, foram remetidos ao Instituto, para exame bacteriológico, dejeções de doentes da Hospedaria dos Imigrantes. O quadro clínico fazia suspeitar que se tratava de "cólera asiática". E em 10 horas, Lutz firmou o diagnóstico, com absoluta segurança. Era o terrível morbo. A conclusão foi acremente impugnada. Não podia, não devia ser cólera: havia êrro do Instituto. Mas a triste realidade disse estar certo seu diretor. Dunbar, de Hamburgo, a quem recorreu o cientista patricio, confirmou o diagnóstico.

Para a peste, a mesma contribuição diagnóstica foi dada por Lutz. Tendo aparecido em outubro de 1899 êsse mal em Santos, sua verificação científica, plenamente confirmada por outros pesquisadores, exaltou a competência do sábio brasileiro.

Não é possível falar em febre amarela sem referência especial a Emílio Ribas, em S. Paulo, e a Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro. Mas Adolfo Lutz teve parte realmente inconfundível na sua profilaxia entre nós, ainda chamando a atenção para o perigo da febre amarela silvestre.

E também foi aqui que se fizeram as primeiras experiências *in anima nobili* sobre a transmissão do mal pelo mosquito, prestando-se o próprio Lutz, na companhia de Emílio Ribas, a ser picado pelo inseto. É essa a única forma de experiências humanas que a ética tolera, as feitas pelo pesquisador em si mesmo.

Acrescento, ainda, que em S. Paulo, Ribas e Lutz foram os pioneiros, no Brasil, no emprêgo de medidas de profilaxia da febre amarela pelo combate ao mosquito transmissor. E saliente-se, para glória de ambos, que as técnicas, de incontestável eficácia, foram empregadas em Campinas e Santos antes das descobertas de Havana. De fato, "entupimento de poços, drenagem do solo e das águas estagnadas, retificação de cursos d'água e, em Santos, a construção de docas, embora com outros fins", que foram, salienta José Antônio Alves, senão recursos que contrariam hábitos dos mosquitos e, pois, fazem o seu combate?

E que dizer de Lutz nos trabalhos sobre a malária, a varíola, a ancilostomose, a lepra, a disenteria amebiana, a esquistossomose? Nesta estabeleceu o ciclo evolutivo da cercária. Foi sua a afirmação de que esta última doença, identificada no Brasil em 1908 por Pirajá da Silva, atacava um terço da população do norte do país. Comenta Afrânio Peixoto em sua Higiene que, "ainda descontando na propaganda sanitária, é de impressionar". Parece que não se deu maior importância ao grito de alarme e por isso nós vemos hoje a terrível helmintose invadir o sul e alastrar-se. Com a moléstia de Chagas não foi o mesmo? Por que não se ouvem com a devida atenção os nossos homens de ciência nos seus clamores de alerta?

\* \* \*

Seria longo deter-me nas contribuições de Adolfo Lutz nesse setor da nossa patologia tropical. Meu propósito não é aprofundar o estudo da vida do grande brasileiro, mas, apenas, sumariar-lhe rapidamente e por alto os empreendimentos principais, para dizer da sua feição inata de pesquisador, da sua têmpera de pertinácia irresistível, do seu amor à terra de nascimento e do modo porque agia dentro da ética profissional. Quando atacado em suas conclusões, não se molestava se as críticas viessem pelas sociedades científicas ou pelas revistas próprias. Como se constrangia, porém, vê-las feitas por colegas através da imprensa leiga. Estaria certa a atitude à luz dos princípios da deontologia? Não.

Adolfo Lutz foi um sábio a quem S. Paulo bastante deve. É razoável que sua memória seja cercada aqui de um nimbo da mais viva gratidão. E esta permanece e até crescendo louvável, como o demonstram as festas comemorativas de seu centenário de nascimento.

Tendo permanecido no cargo de diretor do Instituto Bacteriológico de S. Paulo, hoje Instituto Adolfo Lutz, de 1892 a 1908, foi, neste último ano, convidado por Oswaldo Cruz para colaborar com ele na organização do prestigioso Instituto que, no Rio de Janeiro, em Manguinhos, teria o nome consagrado do grande paulista e que seria uma das glórias do Brasil científico, pelo que faria e pelos homens ilustres que lá trabalhariam. E nêle ficou Lutz até a morte, ocorrida em 6 de outubro de 1940, depois de uma atividade de quase 60 anos de serviço à ciência.

Na última fase de sua existência, dedicou-se à ciência pura. Foi como que em escala ascendente no desempenho de sua missão e nos anseios de servir à Pátria de seu berço, culminando com o máximo de seus impulsos idealistas, magnificando com sua presença e seu labor quotidiano a Casa de Sábios que Oswaldo Cruz fundou.

Fazer ciência pura no Brasil é dar mostras de completo despreendimento e de um pendor vocacional digno de profunda admiração, porque os recursos nem sempre vêm adequados e as vantagens materiais aos que a ela se dedicam deixam bem a desejar. A vocação de Lutz, entretanto, era essa e só a ela deu ouvidos, quando julgou cumprida sua missão nos outros setores por onde andou.

Que poderia eu dizer de Adolfo Lutz como zoologista e biólogo? Aí estão nas Memórias da Casa de Oswaldo Cruz suas páginas brilhantes a falar. Aí está viva a proclamá-lo a lembrança imperecível do grande sábio. Para êle, pois, a minha reverência de admiração e respeito.